

CARACTERÍSTICAS DE EDITORES CHEFES DE REVISTAS CIENTÍFICAS DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO CENTRO OESTE

Francislene Aparecida de Souza Rodrigues^{1*}, Lhays Emilly da Silva Moraes¹, Ellen Karolyne da Silva Oliveira¹
Vagner Ferreira Nascimento²,

1. Graduanda em Enfermagem da Universidade do Estado de Mato Grosso-(UNEMAT)

2. Enfermeiro. Doutor em BIOÉTICA. Docente adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso-(UNEMAT)
Campus Universitário de Tangará da Serra. Departamento de Enfermagem

Área de conhecimento: Ciências da Saúde / Enfermagem

Apoio financeiro: Não teve apoio financeiro.

Resumo

Trata-se de estudo exploratório e quantitativa, objetivando conhecer características de editores chefes de revistas científicas de universidades públicas do Centro Oeste. A coleta de dados ocorreu em janeiro de 2019, com acesso à plataforma lattes e sites de revistas científicas de portais periódicos de universidades públicas. A partir dos dados coletados, houve organização por gênero, tempo e tipo de formação do editor chefe, maior titulação acadêmica, produção científica dos editores chefes e área de conhecimento CAPES. A análise ocorreu por estatística descritiva, apresentando os achados em números absolutos, relativos e média. Verificou-se que as revistas gerenciadas por mulheres de ambos estados possuem média maior de tempo de criação. Goiás possui revistas mais consolidadas e Mato Grosso do Sul, os periódicos mais jovens. Há um crescimento de mulheres à frente dos periódicos científicos. O engajamento dessas pesquisadoras nas universidades e na publicização dos seus estudos, amplia a valorização de seus potenciais, além de estimular novas editoras.

Palavras-chave: Revistas Eletrônicas; Editoração; Pesquisadores.

Introdução

Com o crescimento dos periódicos nos últimos anos, há questionamentos sobre a qualificação e validação da publicação científica (PACKER, 2014). Nesse meio, os editores chefe assumem posição de destaque, ao possuírem a responsabilidade em coordenar todas as atividades de editoração e ser ícone para a capilaridade e visibilidade do periódico.

Dessa forma, o papel do editor não se restringe a atos administrativos, em ler e distribuir mecanicamente manuscritos aos avaliadores e verificar a decisão dos pareceristas para a tomada de decisão editorial (VASCONCELLOS, 2017), mas de capacitar-se periodicamente, dedicar-se na sustentação da qualidade, participar de eventos em prol do crescimento e da divulgação do conhecimento científico aberto, fomentar meios de sustentabilidade, e ampliar e favorecer as relações do periódico com a comunidade.

Além dessas atividades inerentes à editoração científica, normalmente o editor chefe soma outras atribuições, como o ensino, a pesquisa e a extensão universitária à sua rotina, exigindo grande empenho e esforço, o que é um desafio (SILVA; MOREIRO-GONZALEZ; MUELLER, 2016), uma vez que, o gerenciamento de periódicos de instituições públicas ocorre muitas vezes, de forma voluntária, com poucos recursos ou sem financiamento institucional (REIS; CATELÃO, 2017). Diante disso, busca-se estratégias para minimizar/redimensionar tais demandas, sem que haja prejuízos

para as publicações da revista, sua expansão e o compromisso com a ciência.

Para tanto, os editores chefe permanecerão como peças fundamentais, especialmente por que as revistas científicas necessitam de liderança, *expertise* gerenciais e experiência em editoração (habilidades e competências adquiridas ao longo dos anos) para se perpetuarem e manterem-se como opção de pesquisadores na divulgação dos estudos.

Todavia, algumas regiões do Brasil (Sudeste e Sul) possuem quantitativo expressivo de periódicos consolidados, logo recebem maior atenção dos pesquisadores, em detrimento de revistas de outras regiões, como do Centro Oeste. Esse aspecto está relacionado entre outros fatores à formação e o trabalho da equipe editorial. A partir disso, objetiva-se conhecer características dos editores chefes de revistas científicas de universidades públicas do Centro Oeste.

Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório e quantitativo, realizado em 30 de janeiro de 2019, em portais periódicos de universidades públicas dos três estados da região Centro Oeste.

A coleta de dados seguiu um roteiro estruturado, elaborado pelos próprios pesquisadores junto as revistas eletrônicas cadastradas nos portais periódicos, correspondentes a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), verificando os escopos das revistas, principal área de conhecimento da CAPES e o editor chefe responsável.

Na plataforma lattes de cada editor chefe, verificou-se tempo e tipo de formação acadêmica, maior titulação e produção científica dos últimos anos (2016, 2017, 2018). A produção científica foi a somatória de artigos e livros/capítulos publicados no período referido.

Os dados foram organizados e análise dos dados através do programa Microsoft Excel 2016, por estatística descritiva simples, apresentando os achados em tabelas com números absolutos, relativos e média.

O estudo não necessitou de apreciação e aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), pois utiliza somente dados de acesso público e irrestrito.

Resultados e Discussão

Integraram o estudo, 123 revistas científicas, sendo 54 em Goiás, 26 em Mato Grosso e 43 em Mato Grosso do Sul. Ambas revistas estão disponíveis eletronicamente em portais periódicos institucionais das universidades públicas investigadas. Entre as áreas de conhecimento da CAPES, em Goiás prevaleceu Geografia, Linguística e história, em Mato Grosso, Educação, Linguística e Engenharias; em Mato Grosso do Sul, História, Educação e Linguística.

Comparando os gêneros vs áreas de conhecimento da CAPES, os editores do gênero masculino gerenciam mais revistas da área História, e feminino mais revistas da área Educação.

Verificou-se que as revistas gerenciadas por mulheres de ambos estados do Centro Oeste possuem média maior de tempo de criação, sendo que o estado de Goiás possui revistas mais consolidadas e Mato Grosso do Sul, os periódicos mais jovens.

Em Goiás 33 (61,1%), em Mato Grosso 17 (65,38%), em Mato Grosso do Sul 27 (62,79%) são editores do gênero masculino. A média do tempo de conclusão da primeira graduação do gênero masculino oscilou entre 18,4 (Mato Grosso) a 22 anos(Goiás), no gênero feminino foi entre 22 (Goiás) a 25,6 anos (Mato Grosso). Sobre a título de doutor(a), destacou Goiás com 32 (96,9%) e Mato Grosso do Sul com 26 (66,66%) editores do gênero masculino, e Goiás e Mato Grosso com 20 (38,4%) e 8 (36,36%) editores no gênero feminino, respectivamente. O tempo de defesa do doutorado esteve entre 8,6 (Mato Grosso do Sul) e 11,7 anos (Mato Grosso) no gênero masculino e 9,8 (Mato Grosso do Sul) e 12,6 anos (Mato Grosso) no gênero feminino.

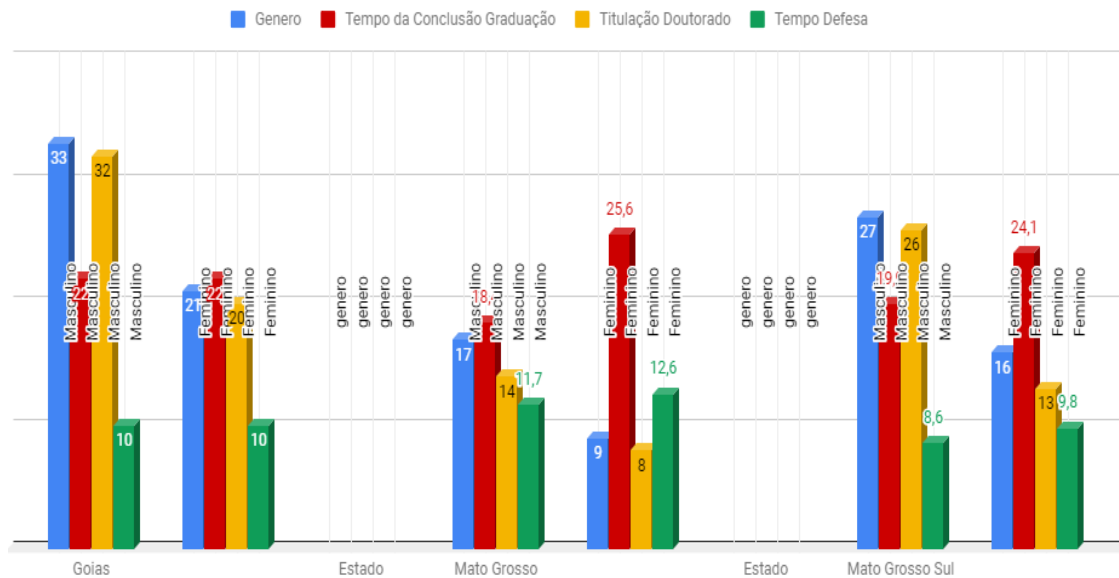


Gráfico 1 – Gênero, titulação de doutor e tempo de formação. Janeiro de 2019. Centro Oeste, Brasil.

No Gráfico 1, verifica-se que o gênero masculino prevaleceu entre os editores dos três estados do Centro Oeste. Os editores de Goiás possuem a mesma equivalência, em relação ao tempo de graduação e nos demais estados o gênero feminino possui maior tempo de graduação. O menor quantitativo de editores com doutorado foi em Mato Grosso (gênero masculino) e Mato Grosso do Sul (gênero feminino).

No Brasil, a representação desigual das mulheres é um fenômeno em movimento e vem se alterando rapidamente na base da pirâmide educacional, ações que ampliam a participação feminina na atividade científica devem gerar ganhos substantivos nos próximos anos (BOLZANI, 2017). Um exemplo disso, é a recente campanha #MulheresNaCiência fomentada pela CAPES e demais organizações da sociedade.

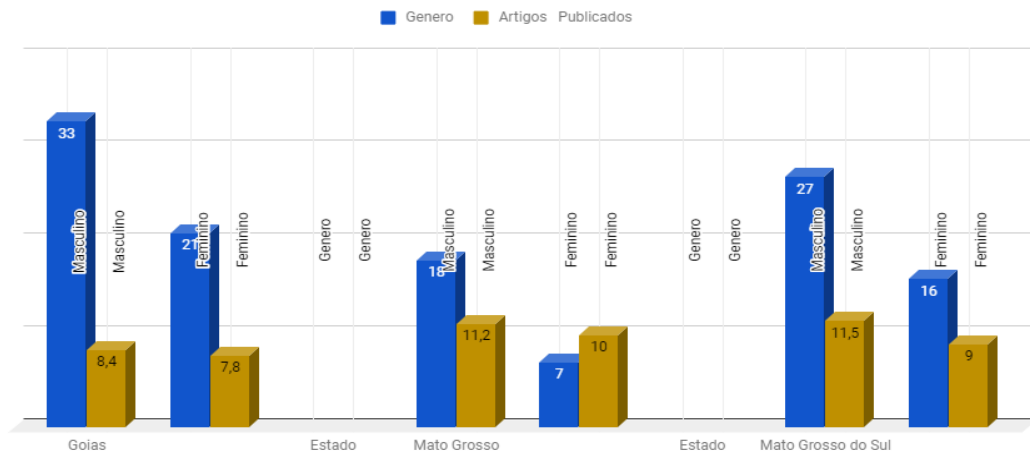


Gráfico 2 – Sexo e produção científica dos editores chefe. Janeiro de 2019. Centro Oeste, Brasil.

No Gráfico 2, observou-se que os editores chefe do gênero masculino de ambos estados possuem média maior de produtividade científica, no período investigado. A disparidade de produção entre os gêneros foi menor entre os editores do estado de Goiás. Os mais produtivos da região Centro Oeste foram os editores do gênero masculino (Mato Grosso do Sul) e gênero feminino (Mato Grosso).

Além das questões culturais, a desigualdade tanto nos países de economias avançadas como naqueles em desenvolvimento reflete também nas carreiras, logo no vazio científico de algumas áreas, e mais especificamente no campo conhecido STEM (science, technology, engineering and mathematics) (BOLZANI, 2017). Apesar de vislumbrar na última década distribuição mais equânime de mulheres em algumas áreas de conhecimento, não há estudos que revelem ainda essas perspectivas por regiões do Brasil.

Conclusões

Ao término do estudo, verificou-se predomínio do sexo masculino entre os editores chefe de todos os estados do Centro Oeste, bem como maior quantitativo com titulação de doutores. O tempo de criação dos periódicos foi superior em revistas gerenciadas por mulheres, e entre elas, as pesquisadoras de Mato Grosso do Sul foram as mais produtivas no período da pesquisa.

Embora perceba ainda certa desigualdade de gêneros entre os editores, há um crescimento de mulheres à frente dos periódicos científicos. O engajamento dessas pesquisadoras nas universidades e na publicização dos seus estudos, amplia o respeito, a valorização de seus potenciais, além de abrir caminhos para novas editoras chefe.

Entre as limitações do estudo, destacaram-se a utilização de revistas científicas hospedadas somente em portais institucionais, a desatualização dos lattes dos editores chefes e dos portais, e revistas com informações incompletas/insuficientes sobre o escopo, missão e equipe editorial. Assim, estudos futuros nessa área devem ser realizados, buscando discutir o crescimento dos periódicos científicos brasileiros, as políticas editoriais, a qualidade das publicações e a desigualdade de gêneros.

Referências Bibliográficas

- BOLZANI, V. S. Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas? **Cienc. Cult.** São Paulo, v.69 n.4, p. 56-59, 2017.
- PACKER, A. B. A eclosão dos periódicos do Brasil e cenários para o seu porvir. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 301-323, 2014.
- REIS, S. G. O.; CATELÃO, E. M. Criação de um periódico científico online em uma instituição de ensino superior pública. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 546-563, 2017.
- SILVA, C. N. N.; MOREIRO-GONZALEZ, J. A.; MUELLER, S. P. M. A revisão por pares a partir da percepção dos editores: um estudo comparativo em revistas brasileiras, espanholas e mexicanas. **Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf.**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 126-143, 2016.
- VASCONCELLO, V. G. Editorial: A função do periódico científico e do editor para a produção do conhecimento no Direito e nas ciências criminais. **Rev. Bras. Direito Processual Penal**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2017.